



---

**O FEMINISMO NEGRO EM “QUARTO DE DESPEJO” – O DIÁRIO DE UMA  
FAVELADA**

**BLACK FEMINISM IN “EMPLOYMENT ROOM” – THE DIARY OF A FAVELADA**

**LUIZ FERNADO BERTOLI**  
**ORIENTADOR: BRUNO VINICIUS KUTELAK DIAS**

**FILIAÇÃO:** Coordenador Geral da INESUL, Professor do Ensino Superior nos cursos:  
Administração, Direito, Pedagogia. Londrina, Brasil.  
**Orientador:** Professor do Programa de Mestrado da Uniandrade, Curitiba, Brasil.

E-mail: [l Luiz\\_fernando\\_bertoli@outlook.com](mailto:l Luiz_fernando_bertoli@outlook.com)

---

**RESUMO**

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe de três filhos, catadora de papel e ex-moradora da extinta favela do Canindé em São Paulo é a autora do livro Quarto de despejo e sempre lutou por justiça contra um sistema branco e machista na década de 1960. A proposta deste estudo é analisar de forma objetiva como a obra impactou e ainda impacta a sociedade. Para tal, utilizaremos como base teórica a obra de Ângela Davis, referência no feminismo negro. As mulheres sofriam agressões, uma minoria trabalhava fora de casa e era tratada como objetos pelos próprios esposos. Carolina uma das mulheres mais importantes da literatura Negra brasileira é também uma das responsáveis por expor a vida nas comunidades e a posição da mulher negra na sociedade. Já que os "problemas" das favelas e violência doméstica eram assuntos quase que indiscutíveis na época. No entanto, Carolina sentia-se incomodada com esses acontecimentos e os expôs por meio de seus diários. **Palavras-chave:** Mulheres; Feminismo Negro; Literatura; Sociedade; Quarto de Despejo.

**ABSTRACT**

Carolina Maria de Jesus a black woman, mother of three children, paper collector and former resident of the extinct canindé favela in São Paulo, is the author of the book Quarto de despejo and has always fought for justice against a white and sexist system in the 1960s. The purpose of this study is to objectively analyze how the work impacted and still impacts society. To do so, we will use the work of Angela Davis as a theoretical basis, a reference in black feminism. Women suffered aggression, a minority worked outside the home and were treated like objects by their husbands. Carolina one of the most important women in Brazilian black literature, is also one of those responsible for exposing life in communities and the position of black women in society. Since the “problems” of the favelas and domestic violence were almost indisputable issues at the time. However, Carolina felt uncomfortable with these events and exposed them through her diaries. **Keywords:** Women; Black Feminism; Literature; Society; Employment Room.

---

Carolina Maria de Jesus nascida no estado de Minas Gerais mudou-se para São Paulo no ano de 1948, sem muitas opções foi morar na comunidade de Canindé, hoje extinta, catadora de papel criou três filhos sozinha. Descoberta por Audálio Dantas escreveu em 20 diários praticamente tudo que contém em Quarto de Despejo, com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares no ano de 1960. Hoje os números superam as 100 mil cópias comercializadas e mais de 17 traduções em países distintos. Chegou a publicar outras obras ao longo de sua trajetória, mas nenhuma se compara a obra objeto do presente artigo.



## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa abordar o feminismo na literatura brasileira com base na obra *Quarto de Despejo*, a obra que foi traduzida em mais de 15 países e vendeu mais de 100 mil cópias teve seus momentos de incertezas causadas pelo motivo de uma mulher negra estar como autora da obra. Carolina que desde o início da sua vida teve de conviver com a fome, desemprego, uma luta inconstante para sobreviver e criar seus filhos com honra. O feminismo na vida em *Quarto de Despejo* é notório quando a autora se depara com dificuldades para publicação do seu livro, uma sociedade julgadora e preconceituosa.

Carolina uma mulher astuta que ao escrever a obra trata de forma crítica a sociedade, poder público e a falta de oportunidade daquela comunidade em específico. Na época a autora passou de crítica a pessoa criticada, uma mulher negra, favelada e agora uma escritora entrando para o rol da literatura, barreiras estavam sendo quebradas, mas uma situação um pouco mais grave aconteceria, quando tudo parecia estar indo para um desfecho favorável quando a sua própria comunidade que Carolina tanto expôs na tentativa de chamar atenção para os problemas ali compenetrados foi o motivo um dos motivos de sua mudança, ameaças e críticas por parte dos moradores fizeram a autora sair do local onde defendeu e colocou ao mundo as dificuldades vividas.

Carolina nos traz relatos de fome, falta de saneamento, nenhuma condição digna de sobrevivência, condição social. Apesar de todos os problemas encontrados Carolina nunca foi solícita em relação ao poder público, tratou de certa forma com orgulho, mas enfrentou e conquistou seu espaço com ajuda de Audálio Dantas o famoso repórter descobridor de Carolina.

No entanto, as mulheres negras lutaram bravamente contra o racismo, machismo e preconceito, lutas incansáveis fizeram com que a sociedade as enxergasse como seres humanos e não máquinas ou

objetos sexuais. Carolina questiona a todo momento a forma de pensar da elite brasileira, uma mulher que não tinha receio de expor algo que julgava errado.

Diferente do que todos pensam o homem branco tem um ar de superioridade frente a mulher negra, pensando ser superior pelo tom de pele, pela história, pela condição financeira, não sabemos, muito embora alguns possam achar um exagero, o único exagero penetrado nessa relação branco x negro é a ideia eurocêntrica desses homens ou melhor dizendo da sociedade.

A ideia é demonstrar como as mulheres negras foram tratadas de forma escravizada pela sociedade branca e até mesmo pelo próprio homem negro. A obra *Quarto de Despejo* relata uma realidade bem distante de boa parte da sociedade brasileira, mulheres negras estando abaixo até mesmo das brancas, tratadas como restos da sociedade que não podem fazer parte dos meios sociais ou educacionais.

Uma busca incessante de afirmação e reconhecimento negada pela escravidão, o movimento feminismo negro teve seu início no Brasil na década de 1970, Carolina que já havia publicado o quarto de despejo nessa época passou por situações humilhantes principalmente por ser mulher, negra e favelada, mas com toda certeza conseguiu ocupar um lugar de destaque frente a sociedade patriarcal. Hoje a sociedade brasileira vive uma segregação racial não declarada, mas diariamente se faz presente na vida das mulheres principalmente das negras.

Denominações pejorativas acabam sendo tratados de forma “comum” pela sociedade branca e racista, assim como aquela “aberração carnavalesca” que diz: “O teu cabelo não nega mulata / porque és mulata na cor / mas como a cor não pega mulata / mulata eu quero o teu amor”. Trata-se de um insulto, um crime contra as mulheres negras, uma verdadeira humilhação transvestida de fantasias carnavalescas e alegrias brancas.

Ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. (RIBEIRO, p.39).



Djamila foi muito coerente quando em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro* afirma que racismo não tem nada a ver com outras “classificações” que a sociedade acha normal, brincar com cabelo, tom de pele está longe de parecer uma simples opinião.

## 2. “Quarto de Despejo” – O diário de uma favelada.

O objetivo é demonstrar quão importante foi um dos movimentos mais significativos no combate a violência, racismo, preconceito quando falamos nas mulheres negras. A obra *Quarto de Despejo* nos traz relatos de mulheres praticamente sequestradas por seus próprios maridos. Escravizadas essas mulheres são violentadas sexualmente por aqueles que deveriam protegê-las. As mulheres negras sofrem desde o período escravagista, no entanto há que ressaltar o período entristecido vivenciado por Carolina entre as décadas de 40 e 60.

Carolina critica de forma assertiva a escravatura, até então a sociedade afirmava ter tido um fim, mas a realidade enfrentada pelas mulheres negras eram outra, o trabalho exaustivo que faziam elas trabalharem iguais aos homens, carregando o mesmo peso, tratando-as como se tivessem o mesmo vigor físico dos homens quando falamos do peso e resistência física, claro que não podemos generalizar, mas também não pode haver essa equiparação quando se fala da força bruta.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. (DAVIS, 1981, p.17)

Davis (1981) faz uma comparação de forma correta quando expõe o fato das mulheres negras trabalharem mais do que as brancas, sendo as brancas de certa forma egoístas ao ponto de lutarem por direitos igualitários em relação aos homens, mas não lutam por todas as mulheres, apenas pelas brancas, deixando assim as negras lutarem por um direito que deveriam ser respeitados desde sempre.

Carolina em seus diários expõe tudo que passou dia após dia na comunidade onde vivia com seus filhos, algo jamais visto em suas

escritas foi o “racismo reverso” consiste no racismo do negro contra o branco, no entanto vale ressaltar que essa modalidade de racismo não existe, tanto que Djamila Ribeiro deixa claro.

Não existe racismo de negros contra brancos ou, como o gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater aos conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. (RIBEIRO, p.41)

Fica claro e evidente que o racismo está relacionado ao poder, mas não estamos aqui falando apenas do poder empreendedor, mas aquele poder da história, dos tempos da escravidão onde os negros eram tidos como peças que poderiam ser repostas quando fosse viável, quando as mulheres eram tidas como reprodutoras ou então um objeto sexual para homens inclusive os próprios negros.

Lélia Gonzalez em sua obra *Por um feminismo Afro-latino Americano* aponta como a sociedade brasileira ainda vivesse os tempos escravagistas, ela afirma que estamos vivendo tempos sombrios.

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. (GONZALEZ, p.199)

Carolina tinha uma personalidade bem forte, não fazia questão de casar ou namorar e olha que pretendentes não faltaram, optou em criar seus filhos sozinha sem ajuda dos pais até então desconhecidos. As mulheres negras pareciam estarem sujeitas a escravidão, seja pela sociedade ou até mesmo dentro de suas próprias casas.

E elas têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tábuas do barracão eu e meus filhos dormiram sossegados. Não invejo as



mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas... (JESUS, 1993, p.14)

Quando Carolina afirma não invejar as mulheres casadas não se refere apenas ao casamento, mas sim no contexto geral quando essas mulheres são extremamente mau tratadas pelos homens que querem controlar suas esposas como se fossem empregadas.

[...] vivemos em um país onde o Estado controla o corpo das mulheres, de modo que elas precisam passar por situações de descaso e desespero. (RIBEIRO, p. 97)

Djamila Ribeiro traz um retrato onde as mulheres negras são controladas pelo estado, indicando que essas mulheres não tinham direitos em seus próprios corpos. No entanto, vale ressaltar que tais imposições ocorriam apenas com as mulheres negras, as brancas por sua vez tinham toda a liberdade do mundo, ou seja, o racismo parte de onde deveriam protegê-las.

Carolina tinha curiosidade em saber um pouco de cada assunto e claro a política fazia parte desse roteiro, em determinado momento da obra a autora se refere a assembleia como purgatório e chamando os políticos de poetas de salão, para ela o espetáculo proporcionado pelos políticos não eram suficientes para comovê-la muito menos convencê-la.

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (RIBEIRO, p. 136)

Djamila sempre muito assertiva em suas falas deixa claro e evidente quando falamos de poder, palavra essa direcionada para o alto escalão político brasileiro,

tomada de decisões principalmente sobre direitos se quer tem a participação da população e quem diretamente são impostas obrigações advindas desses detentores de poder.

No campo da política – tanto e termos de representação como de participação –, o forte protagonismo das mulheres negras têm se fortalecido com o crescimento da atuação de uma nova geração de feministas negras que acionam diferentes recursos e ferramentas nas duas formas de mobilização. (GONZALEZ, p.17)

Conforme o pensamento a autora Lélia Gonzalez onde afirma que as mulheres negras têm se tornado cada vez mais fortes devido as participações feministas tornando-as fortes e atuantes principalmente na defesa do feminismo negro, essa atuação tem se tornado de suma importância para não somente a conscientização, mas também as mulheres negras em cargos e locais antes jamais vistos.

A presença de mulheres no cenário social tem sido um fato incontestável nos últimos anos, buscando novas soluções para os problemas impostos por uma ordem social, política e econômica que historicamente as marginalizou. Nessa presença, a crise econômica, política, social e cultural [...] tem sido um elemento desencadeador que acelera os processos que estavam se formando. (GONZALEZ, p.146)

Gonzalez também critica de forma categórica a falta de oportunidades e um futuro para as mulheres negras, alegando se tratar de uma opressão de nível altíssimo, sendo os negros perseguidos e o estado que deveria proteger nada faz, vale lembrar que a segurança é uma previsão constitucional, sendo assim, deve ser respeitado em todo território nacional. O estado quer seus cidadãos cumprindo seus deveres, mas ele próprio não faz quando requerido pelos negros.



Quanto a mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. (GONZALEZ, p.58)

Carolina também afirma que somente quando estamos ao final da vida temos uma visão de como foi o trajeto até aquele momento. Ela afirma que tudo em sua volta está negro, entende-se que sua vida não existe cor, não tem um sentido a não ser trabalhar pagar comer as vezes. A comunidade onde vivia também não tinha cor, tudo girava em torno de tristezas, brigas, fome, miséria, pessoas sem perspectivas.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro. (JESUS, p. 143)

Nesse trecho da obra a autora refere-se não somente ao tom de pele, mas a escuridão em que vive com seus filhos, uma vida miserável, sem as mínimas condições de vida, não conseguindo enxergar uma perspectiva melhor. No entanto, a palavra desistir nunca fez parte da vida dessa mulher guerreira.

Mulheres negras viviam nas comunidades, assim como dizia Carolina e intitulou sua obra o *Quarto de Despejo* é aquele lugar onde jogamos o que não utilizamos, mas nesse caso o que foram jogados foram sonhos, perspectivas de uma vida melhor, pessoas deixadas de lado por uma sociedade que pouco fez para ajudá-las, um poder público preferiu “varrer” a sujeita

por debaixo do tapete em vez de incentivar e promover a igualdade entre os povos.

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na câmara dos deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

...Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, p.24)

Carolina faz uma separação da cidade comparando-a com cômodos, deixando claro que o local menos favorecido é a favela. É notório a falta de compaixão e compromisso dos políticos com a população menos favorecida. O político em questão nos remete aqueles “políticos de carreira” que agrada a gregos e troianos, mas quando são eleitos a população que tanto o aguarda como representante mau olha na cara daqueles que lhe confiaram um voto.

Numa sociedade onde a divisão racial e a divisão sexual do trabalho fazem dos negros e das mulheres trabalhadores de segunda categoria, no conjunto dos trabalhadores já por demais explorados (afinal, sobre quem recai o peso da recessão?); numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra. (GONZALEZ, p.109)

Na visão de Gonzalez a mulher negra sofre não apenas com racismo e sexismo, mas também com uma carga de trabalho totalmente injusta e fora dos padrões, vale ressaltar que as mulheres tinham o mesmo tratamento ou até pior que os homens, eram obrigadas a trabalhar até a exaustão.



Carolina em sua obra destacou a mulher negra, mas em alguns momentos inevitavelmente ocorriam comparação entre as próprias mulheres. Inegavelmente as mulheres brancas sempre ocuparam lugares de destaque e elas próprias tinham uma visão de superioridade em relação a mulher negra, fato esse que ocorreu por décadas e décadas.

18 DE JULHO Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber...60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacao para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (JESUS, p. 13)

Carolina e seus filhos passaram por humilhações naquela comunidade, sua cor muitas vezes era o motivo de tamanha crueldade assim como visto no texto acima. As crianças queriam brincar e a vizinha arremessa uma sacola de fezes, situações infelizmente vividas por essa família de negros e pobres.

As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas.

E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências de mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Diante da exposição de Evaristo (2009) o pensamento de Carolina na época dos diários, mulheres negras sendo tratadas como a segunda opção pelos homens, pela sociedade e até mesmo pelo poder público. Pelo exposto, é evidente a separação entre as próprias mulheres, principalmente quando Evaristo (2009) escreve o seguinte “há uma condição que no une, a de gênero”, algo assustador, porém verdadeiro, as mulheres brancas jamais se uniram com as negras e quando defendiam algum interesse feminino era o próprio.

As mulheres negras tiveram que conquistar seu espaço com suas próprias forças, sem o apoio de absolutamente nenhuma classe, em outras palavras essas mulheres lutaram por algo que deveria ser respeitado desde o início da humanidade, mas nesse caso seria pedir demais.

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas, no início, com seus esforços de organização e sua militância. (DAVIS, p.146)

Davis (2016) coloca de forma sucinta quando as mulheres brancas se impressionaram com toda a desenvoltura da mulher negra diante daquele cenário reprovável no qual elas eram colocadas. Mulheres altamente qualificadas para ocupar aquele cargo ou aquela vaga, mas algo “atrapalhava” a sua cor, momentos vividos por seres humanos que jamais poderiam existir, mas aconteceu.

- O que o senhor está distribuindo?  
- Eu vim trazer um homem. Nem sei o que esse povo está pedindo. - É que na época de natal, quando vem um automóvel aqui, eles pensam que vieram dar presentes. - Nunca mais hei de vir aqui no natal – Disse o



motorista nos olhando com repugnância. Havia tantas pessoas ao redor do automóvel que não pude anotar a placa. (JESUS, p, 124)

Em plena véspera de natal Carolina se depara com mais uma situação discriminadora e racista partindo de uma sociedade branca, no texto a autora nos traz um simples entendimento, porque aquele homem não avisou aquelas pessoas que achavam se tratar de presentes devido a época do ano, mas não, preferiu tratar com desprezo pessoas que tanto sofriam.

A sociedade que se construiu no Brasil é a sociedade que se estratificou racialmente. Vemos que no Brasil as relações de poder se dão de uma forma absolutamente hierárquica. É uma sociedade hierárquica que temos, uma sociedade onde cada um reconhece o seu lugar; é a sociedade do “você sabe com quem esta falando?”, ou uma sociedade cuja língua aponta para essa hierarquia porque nossos representantes têm de se chamar mutuamente de Excelência. (GONZALEZ, p.247)

Segundo Gonzalez (1988) qual é o lugar daquelas pessoas? Por estarem residindo em uma comunidade e serem em sua maioria negras sujariam o veículo daquele senhor? Até onde vai a capacidade racista da sociedade brasileira? Se aquele senhor estivesse cercado de pessoas brancas ele diria que não voltaria mais naquele lugar? Perguntas que ainda não temos respostas mediante a sociedade branca e preconceituosa que se perpetuou.

A autora de *Quarto de Despejo* não concordava com algumas atitudes dos moradores da favela fazendo até certos julgamentos e comparações esdrúxulas, um cenário até certo ponto intrigante foi quando Carolina é questionada acerca de uma gravidez que nem ela tinha conhecimento.

Fui na D. Florela pedir um dente de alho. E fui na D. Analia. E recebi o que esperava: - Não tenho! Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me: - A senhor está grávida? - Não senhora – Respondi gentilmente. E lhe chinguei internamente. Se estou grávida não é de sua conta. (JESUS, p. 8)

Apesar de o texto parecer apenas curiosidades entre vizinhos, Carolina se sentia perseguida devido a sua cor e seu sexo feminino pelos moradores da comunidade do Canindé, mas devido ao seu temperamento sempre havia uma resposta para cada questionamento.

Saí a noite, fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou a insultar-me: -Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia. (JESUS, p. 8)

Até em um simples jogo de futebol é possível perceber a exclusão da sociedade branca com relação as pessoas negras, assim como percebe-se no texto acima de várias pessoas apenas uma negra, e pasmem, foi quem insultou a mulher que tem o mesmo tom de pele. No entanto, vale ressaltar que o estádio do São Paulo fica no bairro do Morumbi uma das regiões de alto padrão da cidade, sendo assim, tem aqui mais uma denúncia de racismo cultural onde as pessoas negras são minorias e quando estão trabalhando sofrem preconceitos ou racismo.

Carolina já estava com o rosto estancado em um jornal muito conhecido na comunidade principalmente. Ela já estava sendo chamada “aquela que está no cruzeiro” fazendo assim uma referência a Carolina. No entanto, as pessoas não davam o menor crédito, duvidavam de tudo o que ela acreditava.

Eu sai. Eu fui catar um pouco de papel. Ouço várias pessoas dizer: - É aquela que está no o cruzeiro! - Mas como está suja!...Conversei com os operários. Desfiz as caixas de papelão, ensaquei outros papéis. Ganhei 100 cruzeiros. As moças do depósito começaram a contar: Carolina, hum, hum, hum... O Leon disse: -Ela saiu no O cruzeiro. Com ela agora é mais cruzeiro. - Eles te pagaram? - Vão me dar uma casa. - Vai esperando. (JESUS, p.148)

A sujeira e a escrita de Carolina incomodavam até mesmo aquelas pessoas que deveriam apoiá-la. Sim ela estava suja, trabalhando na mesma proporção de um homem, catando papel, andando o dia todo, seria anormal se estivesse limpa e cheirosa. Uma



mulher destemida que era obrigada até certo ponto conviver com as injustiças cometidas quase que diariamente.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assuntos abordados no presente artigo nos trazem uma realidade vivida por mulheres negras no enfrentamento ao racismo e preconceito, sendo assim, pode-se verificar que Carolina o objeto de estudo conseguiu alcançar um lugar privilegiado quando falamos em mulheres negras e pobres principalmente no Brasil.

Carolina assim como muitas mulheres negras passaram por situações onde o amor ao próximo está longe de acontecer, no entanto, cabe a sociedade como um todo modificar a forma de pensar e agir. Estamos falando de décadas passadas, mas em dias atuais é inevitável fazer um comparativo.

A autora de *Quarto de Despejo* ganhou uma notoriedade internacional, pena que isso ocorreu após sua morte em 1977, cabe ressaltar a importância de todas as mulheres negras frente ao abolicionismo, a escravatura, o racismo e preconceito. Mulheres que intensificaram e confrontaram um sistema arcaico e uma branquitude criminoso. Carolina por sua vez teve que lidar com a não aceitação por parte da comunidade onde residia, o efeito reverso fez com que ela saísse da favela realizando assim um sonho de morar em uma casa de alvenaria, título de uma obra escrita pela autora.

O problema político que me parece fazer parte do DNA dos nossos digníssimos fez parte dos diários escritos por ela, um cenário que é visto mesmo depois de décadas, no entanto, nossa autora que apesar de ter uma personalidade forte jamais deixou de lutar e expor sua opinião perante as pessoas que a cercavam.

A obra traz a toma uma triste história de vida onde a pobreza, falta de saneamento, fome, pessoas que viviam sem as mínimas condições de vida, mas uma verdadeira guerreira deu lugar a vida amargurada na qual sua vida encaminhava para uma demonstração clara de que é preciso lutar contra um sistema racista e branco.

Deixo aqui um lembrete a toda a sociedade brasileira, as mulheres negras não são piores que as brancas, as negras não são menos

mulheres que as brancas. Não existe uma competição, apesar das brancas não lutarem pelos direitos das negras, mas apenas em benefício próprio. As mulheres negras têm capacidade de ocupar o seu espaço antes ocupado apenas pelas brancas.

A luta contra uma branquitude irracional é constante e não pode parar, a partir do momento que a sociedade enxergar a mulher negra como enxergam uma branca pode-se ter certeza que o mundo ficará melhor.

### 4. REFERENCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *Scripta*, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 18, 2º sem. 2009.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-3, pp. 69-82, jan./jun. 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX. Antologia**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.